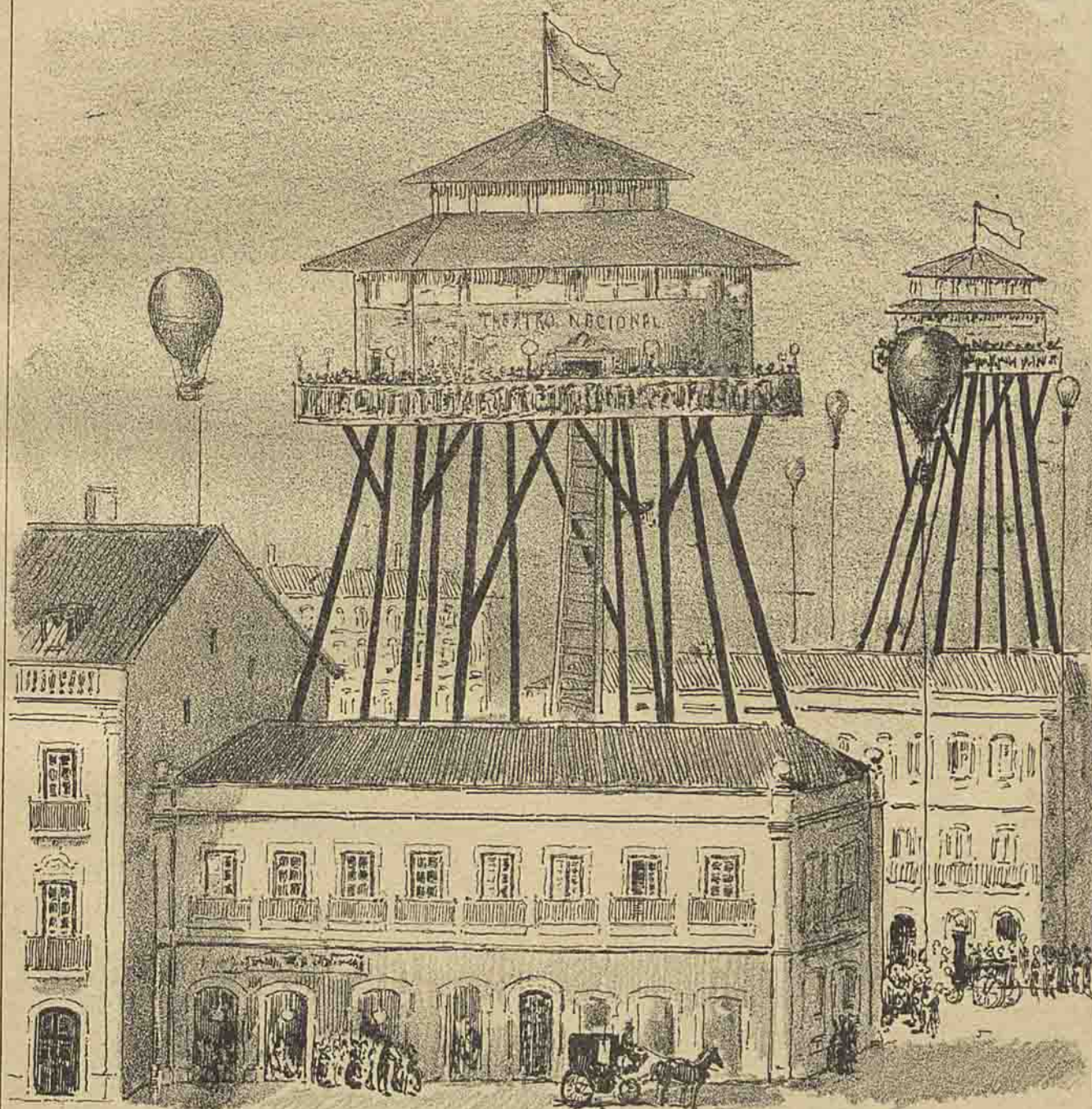


# MODELO DE THEATROS

(A FRANCISCO PALHA)



Agora, que tão seriamente se pensa em vigiar com escrupulo as construcções dos theatros e em reformar as dos que estão feitos, parece-nos a proposito darmos o modelo que deve ser adoptado para esse genero de edificios, isolando-os completamente de todas as habitações, suspensos a vinte metros do nivel da terra, com ascensores de parafuso para a conducção dos espectadores e com balões permanentes adejando-lhes nas proximidades, devidamente providos de salvadores bombeiros.

Os outros edificios publicos, como o hospital de S. José, por exemplo, podem continuar nas excellentes condições de segurança com que até hoje teem sido protegidos...

## EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DAS BELLAS-ARTES

Estando prestes a encerrar-se esta exposição, damos por finda a tarefa de revistar humoristicamente alguns dos quadros expostos, como até aqui temos feito. Não desejamos que a nossa critica subsista na opinião do publico tendo cessado para elle a oportunidade de confrontar com as obras os commentarios que ellas nos inspiram.

E, a este proposito, daremos aos criticados algumas breves explicações:

N'um paiz como o nosso, onde tão pouco se desenvolve e onde tão mal organizado se acha o ensino artistico, todos os rigores são poucos, para a negligencia do Estado, toda a severidade é excessiva para com a produção dos alumnos.

Sorrindo passageiramente de algumas ingenuidades de composição ou de factura, não foi nosso intento recusar, com relação á expositor algum, a consideração devida n'uma terra em que quasi todos mandreiam aos raros que estudam.



No fim de contas, meus senhores e minhas senhoras, a grande verdade é que fazer um quadro, ainda que mau, é um pouco mais difficil do que não fazer quadro nenhum; e assim resulta uma dolorosa injustiça relativa, que profundamente nos pesa, do facto de magoar com palavras duras um homem honrado que fez um mau retrato, ou a mulher bem educada que fez uma paisagem mediocre, ao mesmo passo que deixamos no regalo da inviolabilidade, com o direito ainda por cima de arrancar ás nossas censuras, ás nossas diatribes e ás nossas troças, tantos milhares de outras damas e d'outros cavalheiros que nada soffrem da critica pela unica razão de que passaram a namorar, a pôr pó d'arroz, a fazer frisettes na testa ou a chupar nicotina na rua do Ouro ou na Avenida, o tempo sagrado que os mais nobres empregaram de palheta em punho defronte de uma tela, interrogando com enorme e quasi sempre despremiada fadiga e expressão de uma figura ou o sentimento de uma paisagem.



Alem de quê, os artistas ainda os mais subalternos os mais humildes dos pintores e dos desenhistas, desde que sahiram da ignorancia geral pela applicação de alguns annos de estudo e de aprendizagem, quando não cheguem nunca a distinguir-se pelo poder creati-

vo, pela produção original, ficam sendo no publico os encaminhadores beneemritos da opinião, os guias-anonymos do gosto, elevando o nivel esthetico geral, avolumando esse casco fundamental de capacidade critica sem o qual nenhum grande artista pode gerar-se nem sobressahir do seio de uma sociedade. A estimação publica é um factor indispensavel na formação do talento, e é uma lei fatal em cada sociedade a correlação indissolúvel do sentimento e das ideias de todos com os sentimentos e as ideias de cada um. Para que a arte exista, tal como no tempo moderno ella se exerce, fóra das côrtes e fóra dos conventos, independentemente da protecção dos reis e dos papas, é indispensavel que, como na Belgica e na Hollanda nos seculos xvi e xvii, na Inglaterra, na Allemanha, em França, na Italia e em Hespanha no seculo presente, um grande ecco de sympathia geral corresponda do lado da opinião ao esforço do trabalho pelo lado do individuo. Ora quem não sabe a arte não na estima — Zola o dizia, e muito bem, aquelle cuja estatua, talvez pela similhaça que existe entre ella e um velho patacão, o sr. Monteiro Milhões, não mandou por emquanto cerrar, como quiz que se fizesse ás pimenteiras que irreverentemente contrariavam a intenção optica dos predios de sua excellencia.



Insistimos portanto em distinguir aqui a benevolencia dos nossos sentimentos da rudeza dos nossos gracejos, testemunhando incondicionalmente a todos os que estudam a sympathia e o respeito que pelo simples facto de estudar cada um d'elles nos merece. Toda a senhora que, refugiando-se na arte da enervante e doentia ociosidade de salão, consegue vencer pela applicação humilde e fatigante algumas das mais rudimentares difficuldades do officio, esboçando um quadro ou modelando uma estatuetta, ainda mesmo quando pela sua obra não enriqueça muito o patrimonio artistico da sociedade, enriquece sempre e de um modo consideravel o seu patrimonio moral, prestando homenagem ao trabalho dos outros, e sacrificando nos saudáveis interesses da intelligencia as dissolventes preoccupações da banalidade. Quando — como nos dizem succeder, por exemplo, com a sr.<sup>a</sup> D. Julia de Aguiar, o talento, manifesto posto que oscillante, se allia á coragem da lucta no cumprimento dos mais nobres deveres, o trabalho torna-se um raro e veneravel exemplo de merito e de valor pessoal.

Folgamos de o reconhecer e de o consignar n'estas paginas, apresentando aos expositores do Salão da sociedade promotora das bellas artes as nossas despedidas e os nossos cumprimentos.

## POR AHI...

Durante a semana decorrida tivemos occasião de observar um phenomeno curiosissimo, para cujo estudo se devia nomear quanto antes uma commissão de sabios phenomenistas.

Antes, porém, de pôrmos o phenomeno em pratos limpos, permitta se-nos uma insignificante divagação, para maior clareza na exposição do citado phenomeno.

—Á noite, quando o nosso querido leitor já está mettido na cama e resolve apagar a luz e acochar-se para dormir, o que é que faz invariavelmente?...

Assopra, para apagar a luz.

— E o que é que apaga a luz?

E' o vento.

— E quem é que faz o vento?

E' o nosso querido leitor quando assopra.

Ora, se o nosso querido leitor faz vento quando assopra, calcule-se por ahí que vento não farão todos os nossos queridos leitores — e ainda os que não teem a honra de ser nossos queridos leitores — assoprando em comunidade, sem exclusão d'uma unica pessoa!

Um verdadeiro vendaval, apenas comparavel com a passagem do pampeiro no deserto ou com a passagem da sobrecasaca do sr. Gomes Neto na rua dos Capellistas.

Pois na semana decorrida succedeu precisamente o contrario; e ahí é que está o tal phenomeno que vae quebrar a cabeça aos phenomenistas!

Toda a gente passou a semana a assoprar desesperadamente com calor, e, a respeito de vento, nem a mais pequena viração!

E, quanto mais desesperadamente todos assopravam, menos viração corria; e, quanto menos viração corria, mais desesperadamente todos assopravam!

E' phenomenal ou não é phenomenal?...

No dia de Santo Antonio estivemos por uma unha negra para não almoçar o nosso saboroso pão de rósca.

O freguez da rósca, que é pontual como uma pendula, em todos os dias do anno ás oito horas precisas da manhã, não bateu n'aquelle dia e áquellas horas as quatro argoladas repenicadas do estylo na aldraba da porta da rua.

Passou meia hora, passou uma, passaram duas e o freguez da rósca sem bater as quatro argoladas repenicadas do estylo!

A nossa criada andava no auge da inquietação, por saber que o freguez é uma pendula de pontualidade, e não fazia senão perguntar a todas as pessoas da vizinhança:

— Viram para ahí o freguez da rósca, que é uma pendula de exactidão? Haverá alguém que me dê noticia da pendula do freguez da rósca?

E a cada resposta negativa torcia as mãos de desespero e murmurava muito apoquentada da sua vida?

— Ora valha-me a Senhora das Candeias! O que dirá o patrão em me vendo apparecer de mãos a abanar, sem a rósca do costume?!...

Finalmente, ás dez horas e vinte e sete minutos, batia á porta o freguez da rósca. Vinha muito alegre e a assobiar o hymno do rei.

A criada, furiosa, recebeu-o com a descompostura mais brava que tinha na jaula da sua indignação.

Que era um maroto, um devasso que perdia as noites na taberna por isso faltava á obrigação, e mais isto e mais aquillo, tudo, em summa, quanto sugerir pôde a justa indignação d'uma creada honesta, a quem o freguez, que é uma pendula, falta um bello dia com as quatro repenicadas do estylo, ás oito horas precisas da manhã...

O freguez ouviu tudo serenamente e sem nunca deixar de assobiar o hymno do rei.

Quando ella terminou respondeu-lhe simplesmente:

— Vocemecê é uma pedaça d'asna, que não merecia nem a sinceridade dos meus affectos nem a pontualidade das minhas rósca! Mas como tudo isso que para ahí esteve a *alamçoar* não é lá de dentro, porque eu sei perfeitamente que vocemecê tem muito bom fundo, sempre lhe quero dar uma explicação do meu incorrecto procedimento e prestar-lhe contas dos meus actos apparentemente condemnaveis...

— Saiba então — começou o freguez da rósca, preslando contas com a gravidade d'um conselheiro do Supremo Tribunal de Ditas — saiba então que, se hoje me demorei, foi por ter passado hontem a noite na Praça da Figueira, de bella sociedade com a pessoa do soberano, a *mal* a sua companheira e o seu morgado mais petiz!

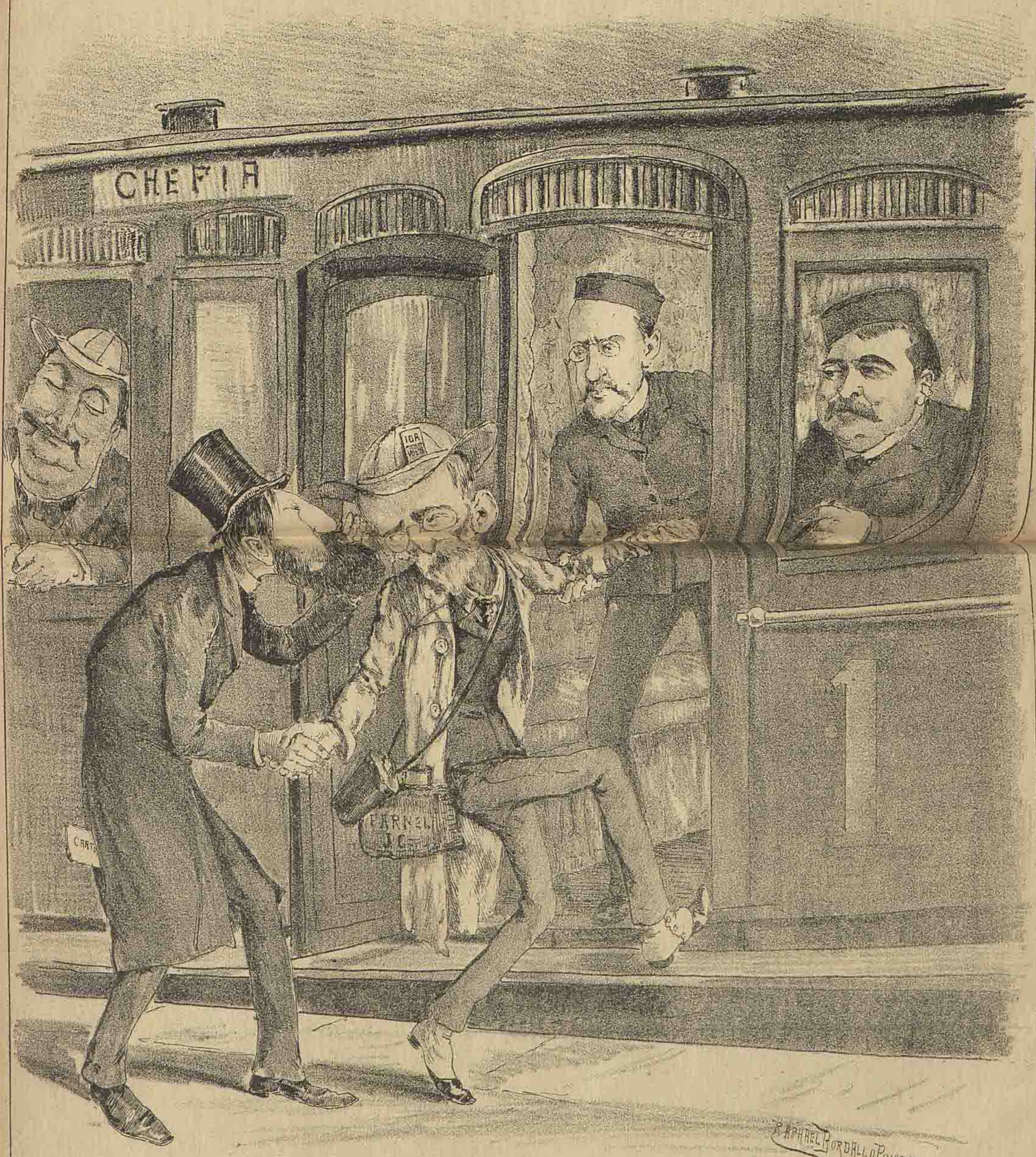
Como vocemecê muito bellamente não ignora, eu tenho um clarinete de pau santo, que faz as delicias de toda a vizinhança nas tardes dos domingos, e que até por signal já tem feito tambem as suas delicias, quando vocemecê vae n'aquelles dias ao estabelecimento comprar pão da fornada da tarde...

Ora o meu clarinete, coitadinho, passa todo o anno encurrulado entre duas saccas de farinha de centeio, sem ver sol nem lua, com excepção da vespera de Santo Antonio, em cuja noite o levo a arejar para a Praça da Figueira.

Uma arejadella por anno não é muito, mas sempre o clarinete tem menos rasão de queixa de que o trombone da *Pericole*, que esteve uma duzia de annos sem gosar aquelle regabofe...

Hontem, pois, que era vespera de Santo Antonio, fui para a Praça da Figueira, acompanhado d'um cavaquinho e duas violas francezas, arejar o meu pobre clarinete.

ATÉ Á VISTA!...



Vlagem de recreio... com bilhete de ida e volta.

Já tínhamos executado a *Maria Cachucha*, o *Pirulito que bate*, *As Irmãs da Caridade* e outras peças de resistência e começávamos a tocar o celebre *pot-pourri* — *Estando o moleiro sentado ao borralho*, quando de repente o meu clarinete — zás! esbarra no chapéu alto que um sujeito trazia enterrado até ás orelhas e que, com a esbarrondella, se enterrou até ao pescoço!

Faça idéa da minha assaralhopação quando reconheci logo em seguida que o sujeito era nem mais nem menos de que o sobrano em carne e osso e sobrecasaca de casimira preta, e da afflicção do meu pobre clarinete ao comprehender que tinha praticado um crime de leza magestade — isto é, de leza chapéu alto de magestade, o que deve vir a ser a mesma coisa!

O pobre clarinete, com o susto, até deu uma filia de fazer arripiar os cabellos ao coração mais empedernido!

Felizmente não havia motivo para sustos; o magnanimo sobrano sorriu-se para mim e para o clarinete; eu e o clarinete agradecemos-lhe com lagrimas de profundo reconhecimento; e, para de alguma fórma lhe sermos agradaveis, desembestámos a tocar-lhe o hymno, até que ao clarinete se partiu a *palheta* e sua magestade passou as ditas...

Amanhã vou mandar ao soberano uma rosca de presente, e depois, tendo em vista as relações que acabo de travar com a pessoa do monarcha e attendendo ao meu duplo mercimento de musico e de padeiro vou requerer que me concedam alvará para poder botar o seguinte letreiro na verga do meu cabaz:

### LEONCIO VASQUES BARELLA

CLARINETE DA REAL CAMARA

E

FORNECEDOR DE ROSCAS DA CASA REAL

Acabava de suscitar-se, entre o parlamento e o sr. ministro dos negocios estrangeiros, uma questão da mais alta gravidade, por isso que ella importa o pudor menoscabado e a honra compromettida do sr. Candido Barros Gomes — isto é, do candido sr. Barros Gomes.

O parlamento votou uma representação ao Santo Padre, sobre a questão do padroado, e o sr. Barros Gomes declarou terminantemente não sympathisar com essa representação o que, só violentado, a levaria ao seu destino,

Temos pois o sr. ministro dos estrangeiros violentado a levar uma coisa que interiormente lhe repugna!

Assim, o sr. ministro está precisamente na situação da casta donzelinha a quem o Lovelace parlamento constringe á pratica de acções feias, contra as quaes o seu pudor protesta côr de tomate!

Obrigado a ceder a força, o sr. Barros Virgem consente em tomar parte no acto do parlamento, mas com a declaração cathgorica de que não toma interesse no acto...

Ficam muito bem estes sentimentos de pudicicia ao sr. Gomes Immaculado, protestando contra o indecoro

do parlamento libertino, mas o certo é que s. ex.<sup>a</sup> nem por isso deixou de ser victima d'um bestial estupro!

Diz-se que o parlamento, não podendo reparar o estupro praticado na donzella do sr. ministro dos estrangeiros pela camara alta, vac fazer diligencias para reparar ao menos na camara baixa...

Oxalá que tudo se remedeie de fórma a não dar pasto ás más linguas da visinhança, porque seria caso para um lucto nacional se o casto e puro ministro dos estrangeiros ficasse estuproado para todos os dias da sua vida...

O incendio da rua Larga de S. Roque foi o maior acontecimento da tarde de Santo Antonio.

N'esse acontecimento deram-se tres casos verdadeiramente extraordinarios.

O primeiro foi acudir ao incendio, primeiro de que as bombas, a mangueira do theatro da Trindade transportada pelo José Rapaz; depois d'isto vão lá dizer ao Palha que faça reformas no theatro contra o risco de incendio — se elle até ganha o premio quando acode aos incendios da visinhança. Não é theatro, é uma casa da bomba.

O segundo acontecimento foi o Grilo, que ia morrendo tisonado, sahiu cá para fóra branco como a cal da parede.

Pois se o cysne, o branco cysne,  
Se encontra coisa que o tisne  
Torna-se preto em geral,  
Como é que o grilo, que é preto,  
Depois de assado no espeto  
Toma a brancura da cal?!

O terceiro acontecimento foi o dr. Thomaz de Carvalho salvar a sua pessoa e as pessoas de duas criadas, sahindo pela janella.

Um medico salvar trez pessoas d'uma assentada é caso virgem nos annaes da medicina.

Em cartas de S. Thomé  
Chega noticia bem má:  
Foi que rei de Dahomé,  
Bruto sem crenças nem fé,  
Mandou prender o *Xá-xá!*

Zé Luciano de cá  
Que é um *ché-ché* — pois não é? —  
Receia que o rei de lá,  
Tendo prendido o *Xá-xá*,  
Venha prender o *ché-ché*...

Mal a penna contará  
O receio com que o vi!  
Basta dizer que hoje, ao chá,  
O *ché-ché*, que é cá *Xá-xá*,  
Só de medo fez *chi-chi!*..

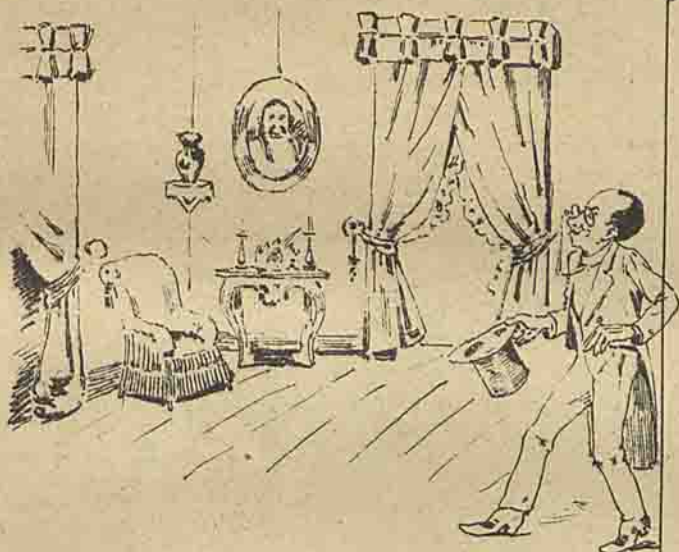
PAN-TARANTULA

### CASOS TYPOS E COSTUMES O ESCARRO

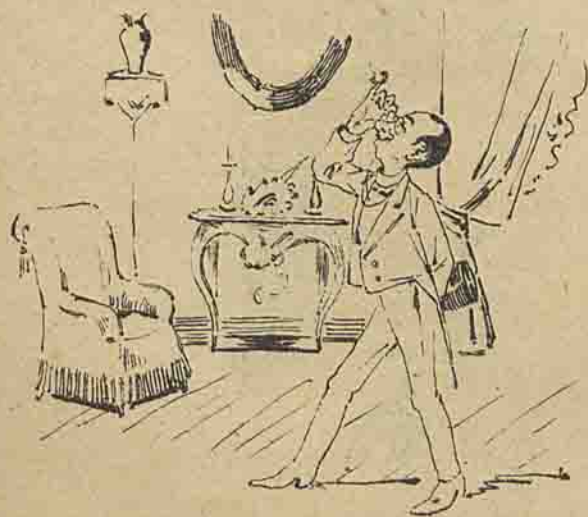


Veste a selecta farpella  
De pano superlativo,  
Vae direito a casa d'ella  
Pedil-a ao pae respectivo.

Que grande luxo de sala!  
Que ricos moveis de murta.  
P'ra que elle o olhar arregala,  
Apesar da vista curta.



—Fartas rendas se difundem  
N'essas amplas bambinellas.  
De fórma que se confundem  
As portas com as janellas...



—Poltronas de pau de teca  
Com finas sedas, sarjadas...  
Que soberbas, p'ra a soncca,  
Sobre as grandes jantarasdas!

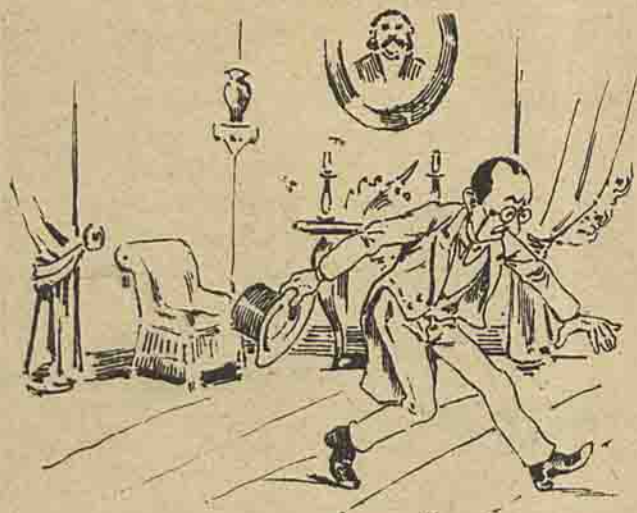
—Que molas! que bello estofo.  
Mais mimoso que pelica!  
Como isto é bom, como é fofa.  
Como cheira a gente rica!...



—Noto porém—coisa pouca—  
Que falta seja o que fôr...  
(Tinha um escarro na bocca  
E não yia escarrador...)



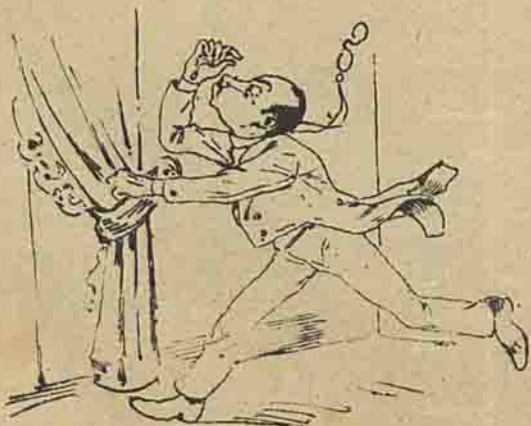
E, por mais que se alvoroce,  
Debalde vasculha tudo:  
O escarro, puxado a tosse,  
Cada vez é mais taludo!



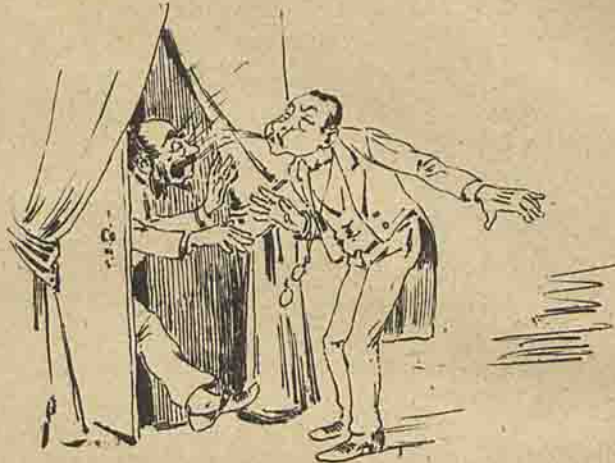
De novo a tosse o salteia,  
Mais escarros lhe produz;  
Sente a bocca cheia, cheia,  
Como um ovo de abestruz!



Não vendo ao caso outro geito,  
Em cuspir p'ra a rua appella,  
E a uma porta vae direito,  
Confundindo-a co'a janella.



Mas n'isto, a sorte mazomba  
Prepara-lhe estranho logro,  
Pois cospe mesmo na tromba  
Do proprio futuro sogro!



Quer fugir, dar á canella,  
Pois vê que a coisa vae torta:  
Corre direito á janella,  
Confundindo-a co'uma porta!



E assim morre o noivo d'ella  
Fazendo enorme careta,  
Enforcado na janella  
Pelo cordão da luneta!



PAN-TARANTULA.

Augusto Portallo J.º